

## A CATEGORIA DE ANÁLISE RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA NA CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS

Ana Paula Fraga Bolfe<sup>1</sup>; Edmar Ramos de Siqueira<sup>2</sup>; Édson Luis Bolfe<sup>3</sup>.

**Palavras-Chave:** Educação, Agrofloresta, Sustentabilidade.

### INTRODUÇÃO

A construção participativa de sistemas agroflorestais inscreve-se num processo estratégico para que se estimule a reconstrução coletiva para a produção de significações e a reprodução subjetiva do saber, em que se instaure o diálogo, a comunicação por uma nova relação homem-natureza em que se possibilite a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive, pois é necessário pensar e desenvolver uma nova atitude perante a natureza que refletirá no uso da terra, no caso deste trabalho através dos sistemas agroflorestais sucessionais aliado a uma educação libertadora (FREIRE, 2003). Os sistemas agroflorestais sucessionais são arranjos seqüenciais de espécies ou de consórcios de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas, nos quais se busca reproduzir uma dinâmica sucessional natural para atender demandas humanas de modo sustentável (VIVAN, 2000). São sucessionais em função da sucessão natural de espécies, pois a essência analógica do sistema é a semelhança e imitação da natureza. Os insumos a serem utilizados fundamentalmente serão sementes e o conhecimento da ecologia, para tanto, faz-se necessário o resgate cultural e do conhecimento local, adquirido pelas pessoas do lugar, através da vivência das gerações, do convívio com o ecossistema local. Conforme Vivan (1998) trabalha-se sempre em duas perspectivas, primeiro de ter que construir a apropriação coletiva dos princípios que regem os sistemas, ou agroecossistemas; e segundo, os sistemas precisam funcionar localmente, o que significa a importância das particularidades de cada agricultor que participa do processo em sua região, para isso é necessário experiências concretas. Onde os agricultores são agentes de mudança, atores sociais reflexivos, e com muita experiência, visto que quando lêem o mundo ao seu redor, podem construir novos conhecimentos a partir daqueles que já carregam consigo, fruto de sua trajetória de vida que se mesclam com conhecimentos dos outros e que faz emergir novas visões ou compreensões a partir da reflexão.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Sergipe, Pedagoga, M. Sc. Professora Departamento de Educação. Cidade Universitária, São Cristóvão-SE. CEP 49100-000. E-mail: [apfbolfe@bol.com.br](mailto:apfbolfe@bol.com.br)

<sup>2</sup>Embrapa Tabuleiros Costeiros, Eng. Fital, Pesquisador, M. Sc. E-mail: [bolfe@cpatc.embrapa.br](mailto:bolfe@cpatc.embrapa.br)

<sup>3</sup>Embrapa Tabuleiros Costeiros, Eng. Fital, Pesquisador, Dr. E-mail: [edmar@cpatc.embrapa.br](mailto:edmar@cpatc.embrapa.br)

Nesta pesquisa ao se propor e experienciar a prática na educação libertadora se construiu a categoria de análise em que objetivou-se permitir a associação de saberes ecológicos fragmentados do fazer agrícola da comunidade e a construção de um projeto agregador comum, os sistemas agroflorestais sucessionais, em que se refaz um conhecimento que advêm da própria cultura, que se reconstrói no coletivo.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A construção da matriz de categoria de análise se deu por meio de observações e duas entrevistas, realizadas em junho e setembro de 2003. A matriz de categoria (SZYMANSKI, 2002) se divide em três partes: a primeira denominada descrição ingênua, ou seja, a Descrição I, o próprio relato do entrevistado é observado. Uma vez obtida a Descrição I, tem início o trabalho de reflexão, a partir de leituras e releituras do texto de referência, para elaborar o segundo texto denominado Descrição II, ou unidades de significado, e após o agrupamento das referências que apareceram em todas as entrevistas tem-se a categoria de análise, esta que será apresentada neste artigo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao longo do trabalho a partir de observações e das entrevistas dos agricultores chegou-se a construção da categoria denominada Relação Ser Humano e Natureza.

A implantação de sistemas agroflorestais sucessionais têm modificado a intervenção dos agricultores no solo quando se pratica a agricultura familiar, já que há séculos seus familiares vêm trabalhando de uma maneira geralmente degradante ao meio ambiente, ou seja, às plantas, ao solo e aos próprios homens. A categoria relação sociedade e natureza traz em si a modificação, ou melhor, a construção de uma relação entre os homens e o meio natural. É uma passagem de uma prática de extrema exploração, de um utilitarismo exarcebado, para uma relação mais harmoniosa com a terra, relação de respeito e complementariedade, num processo coletivo não só entre os homens, mas da natureza e sociedade.

A implantação dos sistemas agroflorestais sucessionais não propõe um retorno à *physis*, ou a visão romântica de natureza, mas visualiza-se a possibilidade da coexistência de todos, os seres-vivos e seres não-vivos, numa forma de pertencimento de homens e natureza, pois estes fazem parte de um todo, ou de uma teia, (CAPRA, 1997). É tempo de fundamentar a concepção de que homem e natureza são concebidos como parte de um mesmo processo de constituição de diferenças porque o homem é a natureza que toma

consciência de si própria, pois cada povo/cultura constrói seu conceito de natureza, ao mesmo tempo que institui suas relações sociais.

A construção desse conceito se deu no trabalho prático e nas discussões a respeito do mesmo durante reuniões e dias de campo, pois apenas depois dessa fase de descoberta em que os agricultores passam por uma desconstrução de conceitos ou de suas representações, é que se estrutura, se constrói o conteúdo a ser trabalhado com os mesmos. Por exemplo, as árvores desde o descobrimento do Brasil são consideradas um empecilho ao desenvolvimento, ou como os agricultores muitas vezes colocaram “vão ocupar o espaço”. No entanto, atualmente, falam das árvores como algo presente em seu cotidiano, e são fundamentais para compor estratégias de otimização do meio ambiente.

A educação como prática de liberdade tem como sua exigência o reconhecimento da importância da prática, (FREIRE, 2001) que todo o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelos educandos, no caso, pelos agricultores. Os sujeitos são colocados em condições de dialogicidade, é o onde seus erros, clichês, crenças, conhecimentos, vivências, herança cultural têm espaços para serem expostos e dispendidos, desconstruídos e recriados, desfeitos e refeitos, acolhidos ou banidos, (REIGOTA, 2002). A desconstrução de suas representações de mundo fez parte de um processo pedagógico, no qual houve a necessidade de pôr em pauta dúvidas, nossas leituras de mundo, um lugar para o erro, a crítica que muitas vezes pareceu escapar de nosso controle, mas na verdade mostrou o detrimento da pretensão da certeza, pois todos os envolvidos passaram por esse processo para conseguir construir o conceito de princípios, forma de fazer sistemas agroflorestais sucessionais.

As relações entre os homens e a natureza têm-se caracterizado em máxima produção, pois este é o objetivo dos homens, retirar o máximo de produtos do solo, geralmente levando-o à exaustão, ou seja, compactação, erosão. Mas os sistemas agroflorestais sucessionais enfatizam a máxima proteção, sendo primordial a matéria orgânica que caracteriza o desenvolvimento ecológico e que até então era dispensada pelos agricultores em suas práticas e agora faz parte do dia-a-dia deles.

Apresenta-se assim durante a pesquisa e em qualquer lugar que se trabalhe a implantação de sistemas agroflorestais sucessionais, ou a construção de seus princípios, dois movimentos que se complementam, a construção de um conhecimento científico e a desconstrução das representações locais. Assim reconstrói-se as representações com o conhecimento científico construído e novas idéias e argumentos advindos da discussão e da desconstrução de

estereótipos do senso comum, o da cultura que permeia a comunidade local para construção do conceito de sistemas agroflorestais.

É com a participação que se procura consenso mínimo, a fim de que pessoas se aglutinem em busca de alternativas e possibilidades sustentáveis, no caso descobrindo, ou redescobrando e até mesmo construindo, os princípios que regem os sistemas agroflorestais sucessionais. Entenda-se que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção, ou construção de conhecimento e na relação com os sistemas agroflorestais sucessionais o processo de aprendizagem transformou as pessoas envolvidas em reais sujeitos da construção e reconstrução do conhecimento através da prática diária, absorvendo e muitas vezes discutindo e refazendo o antigo conhecimento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996. 256 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 93 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 184 p.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001. 343 p.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SZYMANSKI, H. et al. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Diretor, 2002. 87 p.

VAZ DA SILVA, P. P. Regenerative analog agroforestry in Brazil. **Ileia News Letter**, Ileia, Set. 2000. Disponível em: <<http://ileia.test.kolibrie.net/2/16-3/14-16.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2003.

VIVAN, J. L. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 3., 2000. Manaus. **Anais...**Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2000. p. 32-41.

\_\_\_\_\_. **Agricultura e florestas: princípios de uma interação vital**. Guaíba: Agropecuária, 1998. 207 p.